

Quando falta esquecer. Observações sobre o tempo da melancolia

Sandra Niskier Flanzer

No presente artigo, abordarei o conceito de melancolia, traçando um paralelo com a temporalidade sugerida pela teoria psicanalítica, descrevendo a relação que se pode estabelecer entre ambos. Pretendo trilhar este caminho partindo da noção de perda (inaugural para todo sujeito), noção fundamental nas teorias de Freud e Lacan, que determina para o sujeito um lugar singular na patologia de sua estrutura. Para circunscrever a noção de perda, abordarei a temática da depressão. Ao delinear as características da melancolia, discorrerei, ainda, sobre o esquecimento: o melancólico não esquece o objeto, contrariamente ao sujeito que experimenta um luto. O esquecimento, entendido como uma defasagem necessária para determinar o distanciamento entre o sujeito e o objeto, será enfocado a partir do conceito freudiano de repetição. Nesta direção, a partir da ótica da temporalidade, evidenciam-se algumas particularidades da melancolia, aqui retratadas. Utilizarei alguns pequenos extratos retirados do livro Fragmentos de um discurso amoroso, de Roland Barthes, livro que, através da literatura, ilustra pertinentemente algumas das idéias aqui abordadas. O principal objetivo é circunscrever esta especial patologia, denominada melancolia, levando-se em conta a temporalidade que lhe concerne.

Palavras-chave: Melancolia, temporalidade, falta, sujeito

*No precipício abençoado do éter infinito, na tua alma sublime,
 imensa imensidão, mergulho e me abismo, sem consciência, ó volúpia!
 (Tristão, pela morte de Isolda, em Fragmentos de um discurso amoroso).*

Discorrer sobre o abismo de que se trata na melancolia: tarefa instigante, que nos obriga a visitar vários conceitos da teoria psicanalítica. A posição de quem se encontra instalado nesta patologia sugere uma idéia de infinitude: é como se ali houvesse um sujeito perdido no tempo. De fato, assim se coloca o melancólico: um mergulho na imensidão de uma paixão sublime. Vejamos então suas especificidades.

O primeiro aspecto a ser considerado quando nos reportamos à melancolia é a questão da depressão, visto que não há como abordar a melancolia sem levar em conta o fato de que se trata, ali, de uma específica forma de relação com a perda do objeto. Freud, desde sempre, em suas observações clínicas, ocupou-se do fenômeno da depressão. Embora as históricas ofuscassem sua atenção e instigassem sua curiosidade, a depressão foi abordada freqüentemente ao longo de suas formulações teóricas.

Mas, o que é a depressão? Podemos entendê-la, numa primeira visada, como decorrência de uma experiência de separação. Desde os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), Freud aborda o tema, ao falar da relação da criança com seu primeiro objeto de amor: a mãe. Esta relação caracteriza-se por um forte vínculo, o que o levará a conceituar a então chamada pulsão sexual como um equivalente da fábula poética da divisão do ser humano em duas metades (homem e mulher), que aspiram unir-se de novo no amor. A separação, que faz alusão à teoria exposta por Aristófanos no banquete de Platão, nos leva a perceber a importância que esta relação carrega. A experiência de separação, portanto, conduziria o sujeito a uma experiência de angústia, tão primitiva quanto fundamental, pois constitutiva.

Diversos autores também se incumbiram do tema da depressão, a citar Melanie Klein e D.Winnicott. Klein irá conceber a conceituação de fase depressiva como decorrência de uma fase esquizo-paranóide, na qual a noção de separação ainda não se encontraria presente. Como consequência desta, adviria a depressão: depressão como derivada de uma experiência de separação. Em Winnicott (1975), encontramos no conceito de objeto transicional a idéia de que se faz necessária para a criança uma passagem, um percurso de elaboração, entre o primeiro objeto de investimento (no caso, a mãe), e os objetos subseqüentes que irão substituí-lo.

Se há uma transição a ser percorrida, compreende-se que ela comporta a elaboração de uma experiência de separação.

No cerne da teoria psicanalítica, o que tange à depressão pode ser observado pela presença maciça da noção de perda. A perda é inerente a todo sujeito, independente de sua estrutura. No entanto, nos interessa notar as diferentes maneiras de como esta perda será vivenciada para cada sujeito. Podemos designar como vivência de perda a consequência da experiência de separação, perda e separação, por sua vez, repercutindo numa depressão. O que diferencia a melancolia de outras estruturas pode ser discernido, entre outros enfoques, por sua forma de perder. Vejamos primeiramente o que Freud (1915) nos diz acerca do luto: “O luto, de um modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido...” (p. 275).

Desde a concepção da problemática do *Fort-da*, Freud nos faz atentar para os efeitos da vivência de perda, que impõe ao sujeito uma elaboração. A cena expressa a experiência de separação, sendo reproduzida pela criança. Perguntemonos: o que ocorre com o melancólico, que não se insere neste jogo, não pontua uma separação? É como se algo desta perda ficasse perdido, sem ser elaborado.

No texto “Luto e melancolia” (1915), Freud nos apresenta a idéia de que, na melancolia, “a sombra do objeto recai sobre o ego”. Sabemos que o trabalho do luto consiste em renunciar ao objeto dado por perdido. Na melancolia, no entanto, esta perda possui propriedades bastante singulares. A citar o fato de o objeto perdido vir a tornar-se o próprio eu; e a renúncia ao objeto, que por se localizar no próprio eu, não faz senão redobrar a sensação de perda, em lugar de poder reinvestir libidinalmente. Na impossibilidade de lidar com o objeto enquanto perdido (objeto externo), o melancólico, sombreado, perde a si mesmo. Seu eclipse, decorrente de um mau reconhecimento do objeto enquanto perdido, traz como característica uma identificação com esse objeto.

Quando me acontece de me abismar, é que não há mais lugar para mim em parte alguma, nem na morte. A imagem do outro - à qual estava colado, da qual vivia - não existe mais; (...) de qualquer modo, separado ou dissolvido, não sou recolhido em lugar nenhum; diante de mim, nem eu, nem você, nem um morto, nada mais a quem falar. (Barthes, 1988, p.10).

Este fragmento remete a uma falta do objeto, que endereça o sujeito a uma falta de lugar. É com o trabalho de luto que o “abismar-se” pode encontrar uma reorganização possível. A sombra, que no melancólico faz colar objeto e sujeito, traz o frescor de uma não-separação, como se ela fosse possível.

Freud (1915) nos diz que “... é fato notório que as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal, nem mesmo, na realidade, quando um substituto já se lhes acena” (p. 276). A capacidade de substituição remete a uma

falta. O objeto representa esta falta. Para o melancólico, há perda (e muita), porém não há falta. O trabalho de luto, remetendo o objeto perdido ao seu lugar de falta, dá função à falta, e lugar ao desejo. Citando Brigitte Balbure (1994), “o objeto do melancólico não lhe faz falta: ele o possui no mais profundo de sua perda” (p. 150). Poderíamos dizer com Lacan (1963) que, melancolicamente, o objeto da perda não ascendeu à dignidade da falta.

O “abismo” do melancólico pode advir de uma mágoa, mas também de uma fusão. Não se descolando, não faz circular o desejo, aprisionando-se na pulsão de morte. Se Freud (1915) nos aponta que “os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar...” (p. 276), podemos pensar que o melancólico, para além da perda da capacidade de amar, abisma-se no amor: de tanto amá-lo, morre junto com o objeto. Por não substituí-lo, o encarna. Encarnando junto, no entanto, toda a dor que comporta a perda. Esta especificidade do lugar do melancólico desperta curiosidade, no que tange à sua representação temporal. Vejamos por que.

Objeto perdido: objeto passado. Grosso modo, podemos notar que a experiência de separação evoca, para o sujeito, uma divisão no espaço e no tempo. Ao passado, relega o que perdeu. No futuro, apóiam-se as expectativas de um reencontro com o objeto. O presente passa a ser, estruturalmente, um tênue momento de passagem entre um e outro. Lugar de efemeridade, experiência fugaz. Proponho, então, pensarmos na relação do melancólico com esta evanescência, uma vez que em sua particular forma de perder o objeto não o faz passado.

Devo infinitamente ao ausente o discurso da sua ausência. Desta singular distorção, nasce uma espécie de presente insustentável; **estou bloqueado entre dois tempos**, o tempo da referência e o tempo da alocação (Barthes, 1988, p. 29. grifos meus).

Não estando entre dois tempos, o melancólico transforma a efemeridade em eternidade. Sua relação temporal estaciona-se no já. Passado e futuro parecem pa-decer. Ele nos mostra uma *impossibilidade de se representar no futuro*, como nos leva a pensar Lambotte (1993, cap. III). Seu discurso não traz a construção imaginária de um *passado sem fendas*, nos apresenta Pinheiro (1995): “Essa promessa de futuro completo e ‘feliz’ parece fracassar” (p. 27). Proponho, a seguir, um aprofundamento destas referências temporais através do conceito de repetição, sob o viés do esquecimento. Para tal, percorreremos primeiramente algumas noções.

Sabendo, portanto, que a perda do objeto dá-se de forma peculiar no melancólico, como entender sua relação com a castração? No cerne do complexo de Édipo - conceito designado por Freud como estruturante do sujeito - encontramos o conceito de castração. A constatação de uma diferença coloca o sujeito em con-

fronto com a ameaça de perda, como podemos ler em “Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” (1925). A castração, ameaça de uma ausência, tem a função de dividir, sendo sua conseqüência a instalação de uma lógica temporal. A imposição de uma finitude é inaugurada pela perda, porém, para o melancólico, a finitude seria o presente, momento mágico, não-intermediado pela falta. O conflito neurótico caracteriza-se pelas exigências do supereu, em contraponto à insistência da pulsão, desde o isso. O recalque marca sua divisão, relegando a pressuposição de infinitude a um tempo passado. Estaria então o melancólico num tempo anterior à castração?

Lanço a idéia de pensarmos na melancolia enquanto representada num tempo sempre presente, dirigida ao momento do instante, tão fugaz quanto eterno. Sim, pois prescindido de passado, o futuro se torna inexistente. E a eternidade, por não estar ancorada num desejo, pode estar encarnada. O melancólico não busca ser eterno, não deseja a completude: a imortalidade do objeto lhe garante isto.

Assim, às vezes, a infelicidade ou a alegria desabam sobre mim, sem nenhum tumulto **posterior**: nenhum outro sofrimento: estou dissolvido, e não em pedaços; caio, escorro, derreto. (Barthes, 1988, p.9. grifo meu).

A elaboração, no acontecimento ulterior, serve para significar as vivências anteriores. O que no presente é *non-sense*, posteriormente é “re-sentido”. O que desperta curiosidade é o não-ressentimento do melancólico que, não tendo sido abandonado, prescinde de mágoas, evitando o desamparo. O a *posteriori*, marca de uma temporalidade constituída de passado e futuro, báscula entre o eu ideal e o ideal do eu, cerne da teoria freudiana da estruturao do sujeito, não aparece, pois escorre. A perspectiva de um futuro nunca alcançado, todavia sempre desejado, só faz dissolver-se: sujeito derretido em si mesmo.

Ora, s há ausência do outro: É o outro que parte, sou eu que fico. A ausência amorosa só tem um sentido, e só pode ser dita a partir de quem fica - e não de quem parte: eu, sempre presente, só se constitui diante de você, sempre ausente. (Barthes, 1988, p. 27).

A ausência do objeto para o melancólico parece não se afirmar. A saber, sobre o objeto, falta faltar. Seu discurso intriga a nós, psicanalistas. Afinal, qualquer discurso deve-se sempre a uma ausência: o sujeito fala do que lhe falta. Nos diz Brigitte Balbure (1994): “Se o sujeito, o ser humano, deseja e fala, é porque lhe falta o que deseja e lhe falta isto do que fala” (p. 148). O curioso é não encontrarmos um eu fragmentado, tal como vemos no discurso do psicótico. Ele fala de si, seu eu está constituído (perguntamo-nos: se não a partir da ausência do outro, a partir de qu?), há uma aparência de eu e supereu. Trata-se de um eu-presente, mas não a partir de um outro ausente. É a partir da partida do outro que o sujeito se faz

partido. Se o outro não “parte”, tampouco o sujeito é partido. A saber, na melancolia, o outro é parte do sujeito.

Em alguns casos de melancolia, aponta Freud (1915), “o objeto talvez não tenha realmente morrido, mas tenha sido perdido enquanto objeto de amor” (p. 277). Neste momento, ainda sob os fundamentos da primeira tópica, ele sugere que a melancolia estaria, de alguma forma, relacionada a uma perda objetual retirada da consciência, enquanto no luto nada existiria de inconsciente a respeito da perda. Mas o que nos importa é o estatuto do amor, aqui sublinhado. O amor do melancólico tem por característica eleger **um** entre todos os objetos do mundo, com os quais o deslizamento metonímico faz o sujeito confrontar-se. A exclusividade no enamoramento o faz passar do imensurável do desejo ao absoluto da completude. A escolha de um único objeto retira do amor seu caráter de efemeridade, conferindo-lhe um deslumbramento que ofusca o próprio sujeito. Se a castração impõe um tempo evanescente, o melancólico encontra um amor que o desvanece.

O esquecimento na melancolia: a repetição do mesmo ou mesmo: repetição?

258

Desde a importante constatação de Freud em os “Estudos sobre histeria” (1895) acerca das histéricas - de que sofrem principalmente de reminiscências -, não podemos negar que as lembranças participam de maneira fundamental na concepção teórica da estruturação do sujeito psicanalítico. O texto “Lembranças encobridoras” (1899) confirma a descoberta freudiana de que “há uma relação direta entre a importância psíquica da experiência e sua retenção na memória” (p. 271). Lembranças são a marca da singularidade, e a noção de implicação daí derivada é inegável: o lembrar e o esquecer encontram-se em total comprometimento com o desejo. Para além do neurológico da memória, trata-se, a partir daí, de escolhas.

As primeiras publicações psicanalíticas já nos induzem a pensar que o traumático, para o sujeito, não é o acontecimento em si, mas a sua lembrança. O esquecimento traduz-se como a impossibilidade de lidar com uma idéia de que, no que tange a esse presente recorte, seria a idéia da perda do objeto. O trauma não se resume a um momento único, mas, obrigatoriamente, se dá em dois tempos: o segundo evocando o primeiro por algum traço associativo, conferindo-lhe então caráter traumático. Temporalmente, a lembrança é trauma *a posteriori*.

A lembrança encobridora é sempre uma construção. Sua essência carrega a marca do recalque e do deslocamento. Ela apóia, desta forma, a idéia de um *gap* presente entre o primeiro momento e o seguinte, que o evoca e atualiza. Este *gap* pode ser entendido como um espaço entre dois tempos, a marca, portanto, de uma ausência. O que garante o discurso do sujeito é a ausência do outro.

Essa ausência bem suportada, não é outra coisa senão o esquecimento. É a condição da minha sobrevivência; se não esquecesse, morreria. **O enamorado que não esquece de vez em quando, morre por excesso, cansaço e tensão de memória**". (Barthes, 1988, p. 28; grifos meus).

Lanço a idéia de que o melancólico, por não esquecer, morre por excesso. A sobrevivência psíquica se dá na medida em que, para o sujeito, torna-se possível esquecer. Freud (1915), otimistamente, nos anuncia que "...essa retirada da libido não é um processo que possa ser realizado num momento, mas deve, por certo, como no luto, ser um processo extremamente prolongado e gradual" (p. 289), dando-nos a entender que, embora lento, há um tempo necessário para que se dê uma elaboração tanto no luto quanto na melancolia, e que, uma vez esta concluída, a libido se torna livre para reinvestir. "Talvez possamos supor que esse trabalho de rompimento seja tão lento e gradual, que na ocasião em que tiver sido concluído, o dispêndio de energia necessária a ele também se tenha dissipado" (p. 288).

Porém constatamos que, se no luto a perda de objeto coloca-se de forma a permitir que sejam encontrados novos objetos substitutos (após determinado tempo), a melancolia caracteriza-se pela fixidez do objeto. Diz Freud (1915): "No luto, se necessita de **tempo** para que o domínio do teste de realidade seja levado a efeito em detalhe e que, uma vez realizado este trabalho, o ego consegue libertar sua libido do objeto perdido" (p.285; grifo meu).

O trabalho do luto consiste em que, esquecendo-se do objeto perdido, possa abrir-se um caminho para que o sujeito reinvesta em novos objetos. A melancolia, conforme propõe Freud, também se dissolve, tornando-se escassa após certo tempo. Todavia, sugiro pensarmos que o melancólico não esquece, e esta é a causa de sua doença. O não-esquecimento é seu mal, é disto que sofre, é esta a condição particular de sua enfermidade, característica singular de sua condição.

O esquecimento é responsável pelo deslocamento da libido, pela confirmação da cadeia de significantes, pela metonimização dos investimentos. O esquecimento é o reverenciar-se ante o imperativo da falta, inaugurando a ordem temporal. Não esquecendo, o melancólico supõe-se protegido da ação imponente do tempo, garante-se como morto, para que a morte não possa alcançá-lo. Em termos espaciais, não há brecha entre ele e seu objeto. Em termos temporais, portanto, pensamos na hipótese de que o melancólico vive em um tempo que o exclui da referência tridimensional, do resultado entre passado, presente e futuro. Um tempo que o exige da triangulação imposta por Édipo, elemento terceiro de toda relação, marca da experiência de separação, que resulta numa falta. Um tempo sempre presente e, portanto, sem ilusões.

Se o objeto não falta, também o sujeito encontra-se inteiramente ligado ao objeto. A ausência não é vivida como constatação. O objeto está presente, e o melancólico

cólico está **no** presente... Se o objeto estivesse ausente, passado e futuro seriam referências obrigatórias. A fixidez no objeto o torna único, objeto de amor absoluto, exclusivo em sua imortalidade.

O enlutado se esquece por um momento do objeto enamorado, para logo em seguida despertá-lo sob forma de lembrança. A recordação (segundo momento), é o que afasta a idéia da morte do outro (já morto). Um pequeno instante separa o tempo em que o sujeito ainda acredita que o enamorado esteja presente, daquele em que o crê morto. Manipular esta ausência, eis o trabalho do melancólico, alongando este instante e tornando-o objeto exclusivo de sua escolha, transformando momento em continuidade.

Desde “Fragmentos da análise de um caso de histeria” (1901), Freud aponta para a característica do sintoma histérico: ele se repete. O repetir lhe confere o caráter da novidade, *a posteriori*. Freud marca que “... o sintoma histérico não traz em si um sentido, mas esse lhe é emprestado, soldado a ele por assim dizer, e em cada caso pode ser diferente, segundo a natureza dos pensamentos suprimidos que lutam por se expressar” (p. 45).

O artigo “Recordar, repetir e elaborar” (1914a) nos traz importantes formulações acerca da idéia de repetição. Se, como vimos, a recordação pode ser entendida como produtora de um efeito muito maior do que o acontecimento em si, a repetição vem no lugar daquilo que não pode ser recordado. “O paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e recalçou, mas expressa-o pela atuação (*acts it out*) ou atua-o. Ele reproduz não como lembrança, mas como ação. Repete-o sem saber que o está repetindo” (p. 196).

Objeto perdido é objeto esquecido. E o esquecimento garante a repetição, que tenta fazer retornar um tempo já ido. Se o melancólico não esquece, o que será que repete? Só há recordação do que pode ser esquecido; a lembrança só pode ser encoberta ou encobridora de algo que esteja faltando. Com “Além do princípio do prazer” (1920), Freud confere à repetição novo estatuto, vinculando-a à pulsão de morte. Desta forma, a repetição é diferencial na medida em que aponta para uma falta, em um movimento circular, num tempo lógico em que, a cada retorno, produz novidade. Na melancolia, este movimento não encontra espaço para ocorrer.

Vemos que, exigido pelo complexo de Édipo, o sujeito protela o amor pelo objeto, substituindo-o por um encontro sempre faltoso. Na busca de retornar a um tempo perdido, ele repete, mas só encontra a diferença. No entanto, o melancólico não adia. Em seu tempo unidimensional, o encontro já é. Nas palavras de Fernando Pessoa (1980), vemos o adiamento imposto pela repetição diferencial, do qual esquiva-se: Depois de amanhã... Levarei amanhã a pensar em depois de amanhã, E assim será possível; mas hoje não... Não, hoje nada; hoje não posso. (p. 261).

O melancólico só pode o hoje. Face à finitude que lhe é imposta, o sujeito se sustenta como tal, desejante, na insistência compassada da repetição. Se o desejo escapa ao tempo, como nos diz Lacan (1964), “veiculando para um futuro sempre curto e limitado, o que ele sustenta de uma imagem do passado” (p. 35), assistimos, pois, o melancólico escapar ao desejo. E, escapando ao desejo, será que se encontra preso em uma repetição do mesmo? Vemos, com Florence (1994), que “... o desejo sexual é o agente, o ator, o sujeito ativo das cenas que metamorfoseiam o eu” (p.119). Com as consequências do estado melancólico, vemos que “... o eu, adornado com as insígnias do outro, torna-se uma tela e - ao mesmo tempo - trai as intermitências do desejo, do sujeito inconsciente” (p. 121).

A repetição é a marca de uma impossibilidade, e como tal relega o objeto a um lugar de perda, e o sujeito a um lugar de falta. Ela localiza-se, para além da reprodução, mais como produção. Nas palavras de Lacan (1964), “O que se produz nessa hiância, no sentido pleno do termo produzir-se, apresenta-se como um achado... Ora, esse achado, uma vez que ele se apresenta, sempre está prestes a escapar de novo, instaurando a dimensão da perda”(p. 30).

O melancólico escapa desta hiância, não permitindo que a temporalidade circule em seu movimento de repetição, que traz em si sempre a diferença. Para finalizar, citarei um romance de Clarice Lispector (1990), quem soube tão bem nos falar sobre a melancolia. *Em Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, narra o amor entre Ulisses e Lóri, personagem melancólica que encontra, no enamoramento, a saída possível para sua morte. Eis um trecho:

Lóri tinha medo de cair no abismo e segurava-se numa das mãos de Ulisses enquanto a outra mão de Ulisses empurrava-a para o abismo - em breve ela teria que soltar a mão menos forte do que a que a empurrava, e cair, a vida não é de se brincar porque em pleno dia se morre. (p. 39).

Amar, diz Lóri a Ulisses, *é dar de presente ao outro a própria solidão*. O abismar-se de amor parece ser a busca de todo sujeito, incansavelmente ofuscado pela insistente promessa de completude. No caso do melancólico, no entanto, trata-se de abismar-se no amor. Para ele, este amor, de tão pleno, torna-se paralisante. A saber, paralisa-se na dor, identificação por excelência de uma condição na qual o tempo, inoperante, não faz cicatrizar.

Referências:

BARTHES, R. *Fragments de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

BAULBURE, B. Melancolia. In: *Dicionário de Psicanálise Freud & Lacan*. Salvador: Ágalma, 1994.

FLORENCE, J. As identificações. In: *As identificações*. Rio de Janeiro: Relume Dumará., 1994.

FREUD, S. (1895). Estudos sobre a histeria. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. II.

_____. (1899). Lembranças encobridoras. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. III.

_____. (1901.) Fragmentos da análise de um caso de histeria. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. VII

_____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. VII

_____. (1914a). Recordar, repetir e elaborar. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XII.

_____. (1914b) Para introduzir o Narcisismo. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIV.

_____. (1915). Luto e Melancolia. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIV.

_____. (1920) Além do princípio do prazer. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XVIII.

_____. (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIX.

LACAN, J. (1964). O seminário, livro 11. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LAMBOTTE, M. C. *Le Discours Melancolique*. Paris: Anthropos, 1993.

LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

PESSOA, F. *O Eu profundo e os outros Eus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

PINHEIRO, M.T. Algumas considerações sobre o Narcisismo, as Instâncias ideais e a Melancolia. *Caderno de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 15, 1995.

SEGAL, H. *As idéias de Melanie Klein*. São Paulo: Cultrix, 1983.

WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Resumos

Este artículo tiene el fin de abordar el concepto de melancolía y establece un paralelo con la temporalidad sugerida por la teoría psicoanalítica, revelando las aproximaciones que se pueden establecer entre ambos. La autora empieza su trayectoria partiendo de la noción de pérdida (inaugural para todo sujeto), noción asentada sobre el concepto de castración y muy presente en las teorías de Freud y Lacan. La pérdida determina, para el sujeto, una posición singular en las patologías que su estructura le impone. Para circunscribir esta noción, se abordará la temática de la depresión. Al delinear las características de la melancolía, la autora, discurrirá también sobre el olvido: el melancólico no se olvida del objeto, al revés del sujeto que experimenta un duelo. El olvido, entendido como un desfase necesario para determinar el distanciamiento entre el sujeto y el objeto, se enfocará a partir del concepto freudiano de repetición. En esta dirección, desde la óptica de la temporalidad, se hace hincapié en algunas particularidades de la melancolía, aquí retratadas. Se utilizarán algunos segmentos retirados del libro Fragmentos de un discurso amoroso, de Roland Barthes, libro que, por intermedio de la literatura, ilustra con pertinencia las ideas aquí abordadas. El principal propósito es circunscribir esta patología especial, denominada por Freud melancolía, tomando en cuenta la temporalidad que le concierne.

Palabras claves: Melancolía, temporalidad, falta, sujeto

Cet article cherche à aborder le concept de mélancolie, y établissant un parallèle avec la temporalité suggerée par la théorie psychanalytique, révélant les rapprochements qui peuvent être établis entre les deux. L'auteur fait ce parcours partant de la notion de perte (originale pour tous les sujets), notion fondée sur le concept de castration et très présente dans les théories de Freud et de Lacan. La perte détermine, pour le sujet, une position singulière dans les pathologies imposées par sa structure. Afin de circonscrire cette notion, le thème de la dépression sera abordé. En décrivant les caractéristiques de la mélancolie, l'auteur parlera, aussi, sur l'oubli: le mélancolique n'oublie pas l'objet, contrairement au sujet qui fait un deuil. L'oubli, entendu comme un déphasage nécessaire pour déterminer la distanciation entre le sujet et l'objet, sera vu à partir du concept freudien de répétition. Dans ce sens, à partir de l'optique de la temporalité, on constate quelques particularités, ici décrites, de la mélancolie. Quelques extraits du livre Fragments d'un discours amoureux, de Roland Barthes, oeuvre qui, au travers de la littérature, illustre pertinemment les idées ici abordées, seront employés. L'objectif principal est cerner cette pathologie spéciale nommée mélancolie, par Freud, en tenant compte de la temporalité qui lui est propre.

Mots clés: Mélancolie, temporalité, manque, sujet

When forgetfulness is lacking. Reflections on time and melancholy

*This paper considers the concept of melancholy, drawing a parallel with the temporality suggested by psychoanalytical theory and revealing approximations that can be established between the two. In taking this path, it builds on the notion of loss (which inaugurates all subjects) grounded in the concept of castration and very present in the theories of Freud and Lacan. Loss determines a singular position for the subject in the pathologies imposed by latter's structure. In order to delineate that notion, the topic of depression is addressed. In outlining the characteristics of melancholy, the paper also discusses forgetfulness: the melancholiac does not forget the object, unlike the mourning subject. Forgetfulness, understood as a lag necessary to show the distancing between subject and object, is examined in terms of the Freudian concept of repetition. In this direction, and from the perspective of temporality, certain peculiarities of melancholy become apparent and are described. Extracts are taken from the book *Fragments d'un discours amoureux (A Lover's Discourse: Fragments)*, by Roland Barthes, which in literary form offers relevant illustrations of the ideas examined here. The main purpose is to circumscribe this special pathology which Freud denominated melancholy, bearing in mind the temporality that is proper to it.*

264

Key words: Melancholy, temporality, lack, subject

Versão inicial recebida em março de 2008

Versão aprovada para publicação em junho de 2008

SANDRA NISKIER FLANZER

Psicanalista, doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ, membro do Tempo Freudiano – Associação Psicanalítica.

Rua Prudente de Moraes 765/703

22420-041 Rio de Janeiro, RJ, Brasil

e-mail: sniskier@uninet.com.br